



ARTIGO DE REVISÃO

## OS CERRITOS DO BANHADO DO M'BORORÉ ENQUANTO MANIFESTAÇÕES DE UMA CULTURA LOCAL<sup>1</sup>

Vanessa Barrios Quintana

Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em História da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS)

### RESUMO

*Este trabalho busca uma melhor compreensão dos monumentos arqueológicos denominados cerritos ou aterros de uma região específica do Rio Grande do Sul habitada e transformada em tempos remotos. Apoiando-se em pressupostos da Fenomenologia visa-se experimentar as paisagens locais na tentativa de aproximação das vivências dos construtores de cerritos e de suas relações com o ambiente e com as coisas.*

**Palavras-chave:** Cerritos; cultura material; fenomenologia.

### ABSTRACT

*This work aim a better comprehension of archaeological monuments named cerritos or mounds for specific region of Rio Grande do Sul lived and transformed in ancient times. Relying on assumptions of Fhenomenology, is intended to try the local landscapes in the attempt to bring the experiences of mound builders and their relationship with the environment and things.*

**Keywords:** mounds; material culture; phenomenology.

### 1. INTRODUÇÃO

Na arqueologia, em especial na arqueologia pré-histórica, ocorre um distanciamento entre nós pesquisadores e nossos objetos de estudo que muitas vezes parece impossível de transpor. Como não podemos ter acesso aos pensamentos, sentimentos, emoções dos indivíduos que queremos entender, fazemos as nossas próprias interpretações com base nos únicos vestígios que deles restaram. Para isso juntamos nossos dados e nossas interpretações e contamos uma história. Uma história metodologicamente e teoricamente fundamentada, que somente se torna compreensível quando agrupamos e encadeamos nossos dados através de uma narrativa.

A presente narrativa é fruto da análise e interpretação dos dados provenientes dos trabalhos de campo realizados pelo Laboratório de Estudos e Pesquisas Arqueológicas (LEPA) da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) no município

<sup>1</sup> O presente artigo é parte da dissertação de mestrado defendida no Programa de Pós-Graduação em História da PUCRS sob orientação do Prof. Dr. Klaus Hilbert.



de São Borja (RS) no ano de 2004 quando dois ‘cerritos de índio’ foram escavados. O alvo das reflexões aqui presentes são as paisagens nas quais os sítios estão assentados bem como sua cultura material, com destaque para os instrumentos recorrentes nos sítios, os chamados plano-convexos.

## **2. AS PAISAGENS E A FENOMENOLOGIA: LUGARES PENSADOS**

Na busca por respostas para a habitação de determinados espaços por seres humanos arqueólogos aplicam diversas abordagens. Tradicionalmente são levadas em consideração as características do meio ambiente e o acesso a recursos naturais como fundamentais para a escolha dos espaços a serem habitados. Já as relações simbólicas e culturais desenvolvidas pelos grupos humanos são vistas apartadas do ambiente ou nem se quer levadas em consideração. A paisagem na maioria das vezes não é percebida como fazendo parte das relações humanas e sim apenas como um espaço onde estas ocorrem. A arqueologia Processual ao se aproximar da Nova Geografia considerava o espaço como uma dimensão abstrata e um recipiente para as ações humanas, apenas uma superfície neutra, desligada do mundo conceitual. Essa concepção tornava o espaço descentrado da agência e do significado; externo e indiferente aos acontecimentos humanos, um espaço divorciado da humanidade, apenas um pano de fundo para a análise, uma vez que seria universal, sempre o mesmo em qualquer parte do mundo. Esta percepção, é claro, tornava a análise mais simples, pois assim as paisagens poderiam ser medidas, mapeadas, quantificadas e servir para estudos comparativos com qualquer região.

A partir dos anos 1980 começam a emergir vários questionamentos a essa concepção científica abstraída dos acontecimentos humanos. Surge então como denomina Christopher Tilley, um ‘caminho alternativo’, que considera o espaço como um meio ao invés de um recipiente, estando sempre envolvido na ação e não podendo dela ser separado. O espaço seria, portanto socialmente produzido. Conseqüentemente não haveria **um** espaço, mas **espaços**, que combinariam os meios cognitivo, físico e emocional. Por envolverem esta dimensão cognitiva, os espaços “não podem ser



entendidos fora das vivências simbolicamente constituídas dos atores sociais”<sup>2</sup> (TILLEY, 1994, p. 11).

Ainda para Tilley, um espaço pode ser construído e reproduzido, o que não implica que não esteja aberto a transformações e mudanças. Ele não possui essência substancial própria, somente existe a partir das relações entre pessoas e lugares. Um lugar é sempre o lugar de alguma coisa. Por este motivo, não pode ser considerado universal como clamava a Nova Arqueologia; ele é produzido, entendido e experimentado de formas diferentes por diferentes indivíduos ou sociedades. O significado do espaço depende de quem o está experimentando e como (TILLEY, 1994). Dessa forma, entende-se que o corpo é uma ferramenta essencial da vivência humana e, portanto não há substituto para a experiência pessoal (TILLEY, 2008).

O espaço fornece o contexto para a existência do lugar, mas seus significados vão derivar dos significados com que os lugares são preenchidos. Não pode haver espaços sem lugares. As pessoas estão imersas no lugar, que é o contexto das experiências humanas construídas através de movimentos, memórias, encontros e associações. Identidades pessoais e culturais são criadas nos lugares, assim como experiências geográficas, que se iniciam em um lugar, se estendem a outros através dos espaços e criam paisagens ou regiões para a experiência humana (TILLEY, 1994).

Iriarte (2003) aponta o conceito de ‘localidade’ proposto por Giddens (1979) e por ele concebido como lugares criados e conhecidos a partir de experiências comuns, símbolos e significados durante o processo de produção e reprodução social. A criação de uma localidade, ou seja, a construção de espaços sociais refletiria a maneira através da qual interações sociais ocorrem. Assim, ao examinarmos uma localidade nós poderíamos ler como espaços foram concebidos e quais os tipos de relações sociais que foram objetivadas em sua construção.

Para o arqueólogo espanhol Felipe Criado Boado (1999) o espaço pensado enquanto produto de séries de mecanismos de representação é formado pela conjunção de três diferentes elementos, cada um se configurando através de uma determinada dimensão da paisagem. Assim, a paisagem enquanto um produto humano específico:

---

<sup>2</sup> Em inglês: “*It follows that the meanings of space always involve a subjective dimension and cannot be understood apart from the symbolically constructed lifeworlds of social actors.*”. Todas as traduções aqui presentes foram feitas livremente por mim e estão sob minha responsabilidade.



*(...) utiliza una realidad dada (el espacio físico) para crear una realidad nueva (el espacio social: humanizado, económico, agrário, habitacional, político, territorial...) mediante la aplicación de un orden imaginado (el espacio simbólico: sentido, percebido, pensado...). (Ibid, p. 6-7)*

Dessa forma, a paisagem é um produto social em que a dimensão simbólica é uma parte essencial e todos os seus elementos devem ser entendidos uniformemente e de forma contextualizada.

Thomas (1996 *apud* ROSA, 2007) afirma que o espaço é transformado em lugar quando é envolvido pela ação humana, não precisando ser necessariamente fisicamente transformado. Quando nos apercebemos que estamos em um lugar, este se torna um lugar. Dessa forma, um espaço se transforma em lugar a partir do momento em que é envolvido pelo pensamento humano.

Partindo dessa perspectiva de rompimento da separação entre natureza e cultura, Tilley apresenta uma **fenomenologia da paisagem** na qual a percepção é incorporada através da movimentação do corpo na paisagem (TILLEY, 1994). Defendendo que há uma relação dialética entre pessoas e paisagens, Tilley afirma que experimentar tais paisagens permite ao indivíduo ter seu próprio entendimento perceptivo.

*Experimentar a paisagem permite obter perspectivas através da observação da imersão do sujeito naquela paisagem. Isto é afirmar que paisagens têm agência em relação às pessoas. Elas têm um efeito profundo em nossos pensamentos e interpretações por causa da maneira pela qual são percebidas e sentidas através de nossos corpos carnis. Nós não podemos, portanto, representá-las ou entendê-las de qualquer modo que queiramos.<sup>3</sup> (TILLEY, 2008, p. 271)*

Para Merleau-Ponty (*apud* TILLEY, 1994) o corpo seria o ponto de mediação entre o pensamento e o mundo e assim sujeito e mundo se refletiriam e fluiriam um no outro através do corpo, este último um elo vivo com o primeiro. O corpo é então a forma de se relacionar, perceber e entender o mundo.

Acredito que o homem e a paisagem na qual está inserido, são indissociáveis. Portanto, a paisagem não pode ser pensada apenas como o local onde foi edificado o sítio arqueológico e sim compreendida enquanto um espaço que está diretamente

---

<sup>3</sup> Em inglês: "Experiencing the landscape allows insights to be gained through the subject observer's immersion in that landscape. This is to claim that landscapes have agency in relation to persons. They have a profound effect on our thoughts and interpretations because of the manner in which they are perceived and sensed through our canal bodies. We cannot, therefore, either represent or understand them in any way we might like." 2.2. O Lugar Banhado do M'Bororé.



relacionado com as atividades humanas e, conforme Felipe Criado Boado, “los paisajes son también productos de la vida social” (LOPES MAZZ apud CRIADO BOADO, 1999, p. 37). Concordo ainda com Godelier (1989 apud CRIADO BOADO, 1999) que sugere que os seres humanos, além de viver em seu entorno, também o criam, construindo, assim, seu “próprio meio social”.

## 1.1. O LUGAR BANHADO DO M'BORORÉ

O Rio Grande do Sul apresenta uma grande variedade de paisagens. O município de São Borja está localizado na área conhecida como subdivisão da província geomorfológica do Planalto (que ocupa toda a metade norte do estado) – Missões (STRECK, 2008). A geologia da região é caracterizada pela Formação Serra Geral que é considerada uma sucessão de pacotes de rochas vulcânicas basálticas, surgidas no período Triássico (IBGE, 1986), tendo se originado pelo magma resfriado na superfície da crosta terrestre. O relevo onde se encontram tem formato aproximadamente tubular, cavado por rios em alguns pontos onde formam escarpas e vales profundos (principalmente na zona da serra gaúcha).

A região é coberta por campos que são um prolongamento dos pampas da bacia do Rio da Prata e herança da última glaciação quando o frio e as estepes tomavam conta desta parte do estado. Os campos descem o sudoeste, ao sul do rio Ijuí, se convertendo nos pampas do Rio Grande do Sul, Uruguai e Argentina (KERN, 1997). Ainda para Kern estas vastas extensões de campos aumentariam as chances de ocorrência de migrações pré-históricas entre o planalto sul-brasileiro e as terras baixas platinas e planalto patagônico. Seu relevo é muito semelhante à região da Campanha que possui uma paisagem bem característica:

*(...) margem de domínio das pradarias pampeanas e, ao mesmo tempo, padrão bem individualizado de paisagens do subdomínio das pradarias mistas uruguaias, argentinas e sul-brasileiras. Área ecológica típica de uma zona temperada cálida, subúmida, sujeita a uma certa estiagem de fim de ano. É o domínio das colinas pluriconvexizadas, as quais a tradição convencionou chamar de coxilhas. (AB'SABER, 2005, p. 21-22)*

Os sítios arqueológicos do Banhado do M'Bororé encontram-se nas paisagens típicas do Rio Grande do Sul, caracterizada pelos terrenos baixos das planícies e as leves ondulações das coxilhas, com grandes áreas alagadiças denominadas banhados.



Situa-se na zona rural do município de São Borja a cerca de 30 km a sudoeste do centro da cidade. Recebeu este nome por se encontrar entre o rio Butuí e o Arroio Butuí-Mirim, na zona alagadiça do banhado do M'Bororé, bacia hidrográfica dos rios Piratini, Icamaquã e Butuí.

Esta região de pradarias uruguaias, argentinas e sul brasileiras abriga um tipo de sítio arqueológico bem característico, típico de destas áreas úmidas e alagadiças, conhecidos como cerritos ou aterros.

## 1.2. REFLEXÕES SOBRE OS SÍTIOS ARQUEOLÓGICOS

Os grupos construtores de cerritos possuíam uma íntima relação com as paisagens que os rodeavam. Este não era apenas o lugar onde habitavam e tiravam seu sustento, mas também onde viviam e mantinham diversos tipos de relações sociais. A monumentalização desses espaços para diversos fins demonstra com eles se apropriaram da paisagem, transformando-a e deixando nela impressas as marcas de sua cultura, ao mesmo tempo em que estas paisagens agiam sobre estes indivíduos influenciando suas escolhas e realizações.

Como se sabe, assim como os materiais, também as paisagens utilizadas, vividas e transformadas por povos pretéritos podem nos dizer muito sobre sua vida e sua cultura.

*Assim com os artefatos líticos ou cerâmicos possuem uma tecnologia própria para a sua fabricação, que permite caracterizar a população que os confeccionou, também a paisagem pode trazer consigo a "identidade da população" que as produziu. (LAVADO, 2005, p. 16)*

Ao analisar as paisagens das áreas onde se encontram cerritos, percebo que se trata de regiões geralmente planas, com flora de pequeno porte, sem relevo acentuado. É possível assim atribuir outra função a estes aterros que, muitas vezes, são a única forma a se destacar na paisagem. É plausível, então, pensar os cerritos como demarcadores territoriais das diferentes populações que os construíram.

*Entre cazadores-recoletores arcaicos, la función de los túmulos debe de haber estado en parte ralacionada, con la señalización y reclamación, de zonas de concentración (estacional) de recursos; así como con la orientación de la mivilidad económica y social. (LÓPEZ MAZZ, 1999, p. 38-39)*



A proximidade dos cerritos sob análise de rios, arroios e banhados demonstra claramente como estas construções foram implantadas próximas a áreas de grande interesse econômico. Demarcar estas áreas e ter um amplo domínio visual delas poderia ser essencial para a sobrevivência dos grupos. E a solução para isto foi a objetivação e edificação de estruturas monumentais com fins específicos, ligadas a uma forma diferenciada de pensar e de se relacionar com o ambiente.

*Esto permite suponer respecto de la sociedad que realiza estos monumentos, la existencia de un cambio en la percepción y valoración del tiempo y el espacio, por lo tanto, una nueva forma de pensarse. (LÓPEZ MAZZ & BLANCO, 1999, p. 52)*

Os cerritos surgem assim enquanto construções antrópicas, realizadas por sociedades caçadoras-coletoras complexas na tentativa de reordenar seu espaço cultural e dominar um território.

Portanto, perceber e refletir sobre as transformações das paisagens em estudo é um importante passo para levantar mais dados a respeito destes povos e de sua relação com o ambiente.

Os espaços em que esses povos viviam eram e são carregados de significados. Hoje, atribuímos a eles outros significados. Mas são todos resultados de relações entre pessoas e coisas e lugares. Cada pedra, cada grão de areia, carrega vários significados para quem o está experimentando. E, dependendo com que outros elementos da paisagem estiverem ligados, terão outros significados. Tenho sempre em mente que os significados se modificam dependendo dos contextos. E os significados que aqui proponho se dão conforme meu olhar e minhas reflexões, mas foram estabelecidos a partir de uma cultura material própria destes povos que um dia habitaram a região, criada através de suas relações e carregada de significados por eles constituídos.

## **2. OS “CERRITOS DE ÍNDIO”: LUGARES TRANSFORMADOS**

A monumentalização dos espaços tem sido uma busca constante do homem ao longo dos tempos. Várias foram as formas dadas à natureza desde as primeiras tentativas de domesticação. Na América do Sul vemos diversos povos, em diversos países, erigirem monumentos para os mais variados fins. Na região fronteira entre Brasil, Uruguai e Argentina encontramos um tipo de construção bem característica



ligado a povos pampeanos que acabaram, por se parecerem com pequenos cerros, recebendo a denominação popular de “cerritos de índios”.

Os monumentos denominados pela arqueologia como cerritos ou aterros, são estruturas monticulares, construídas artificialmente, encontrando-se geralmente em terrenos baixos e alagadiços, podendo ser compostas por matéria orgânica, pedras e material lítico e/ou cerâmico. Podem ocorrer isolados ou em agrupamentos, destacando-se na paisagem. As mais antigas estruturas construídas na região sul do continente sul-americano datam de cerca de 5.000 anos A.P.

*Dichos yacimientos se caracterizan por presentar una o más sobreelevaciones de origen antrópico, que las hace fácilmente perceptibles en el terreno, encontrándose no solamente en terrenos bajo e anegadizos, sino también en zonas altas, donde no llegan las crecientes. (FEMENÍAS, 1990, p. 153)*

Sua construção é muitas vezes atribuída aos grupos caçadores-coletores, denominados Charrua e Minuano. No entanto, há divergências nesta interpretação. Muitos estudiosos atribuem a construção dos cerritos a um grupo cultural distinto, denominando-os simplesmente de “cerriteiros” (LOUREIRO, 2006).

Estruturas semelhantes são encontradas em diversas partes do mundo recebendo denominações variadas. Podem ser chamadas de ‘cerritos’ nos países latinos, de ‘mounds’ nos países de língua inglesa e de ‘enclots funéraires’ na França. No extremo sul da América Latina se distribuem ao longo das áreas alagadas da costa atlântica sul-riograndense e uruguaia e pelos pampas do Rio Grande do Sul, Uruguai e Argentina. Embora um grande número de sítios com esse tipo de estrutura ocorra em vastas áreas de diversas regiões e ao longo de um grande espaço de tempo, possuem características singulares de acordo com suas próprias variações temporais e espaciais.

### **3. VIVENDO O LUGAR ATRAVÉS DA CULTURA MATERIAL**

Cultura material é o produto material da ação do homem usado pela arqueologia como um meio de nos aproximarmos de populações humanas pretéritas às quais não temos mais acesso. Por isso muitos enfoques arqueológicos tradicionais acreditavam que os objetos possuíam apenas uma natureza passiva, por verem-nos enquanto simples produtos dessa ação. Entretanto, como Hodder (1986) salienta a produção de objetos materiais não pode ser um processo passivo, pois eles representam e agem ativamente



na sociedade (ROSA, 2007). Coisas desempenham importantes papéis na formação de pessoas, instituições e culturas, e a forma como pensamos e agimos depende tanto dos objetos com os quais nos cercamos quanto da linguagem que usamos ou das intenções que podemos ter: encontramos-nos através das coisas (TILLEY, 2008).

*Matéria inerte é transformada por práticas sociais ou trabalho produtivo em um objeto cultural, seja um produto para consumo imediato, uma ferramenta ou trabalho de arte.*<sup>4</sup> (SHANKS e TILLEY, 1992, p. 130)

A perspectiva tradicional de conceber objetos como entidades passivas levou a uma atualmente tão criticada dicotomia entre sujeito e objeto, que acabou por colocá-los em esferas sociais separadas. Há sempre um afastamento entre pessoas e coisas, material e ideal, que advém da crença de que a cultura material além de ser passiva, possui propósitos estritamente funcionais e utilitários. Dessa forma, por muito tempo todo o desenvolvimento cultural das sociedades foi pensado a partir da função das coisas. Os objetos eram explicados a partir da questão ‘para que serve isto?’, que após uma série de questionamento que surgem a partir da década de 1980 passa a ser substituída pela questão ‘o que isto significa?’<sup>5</sup>. Estas análises funcionalistas levaram a uma arqueologia de dados e cálculos em que os seres humanos pretéritos eram tidos como preocupados apenas com a subsistência e tudo que fosse por eles criado teria apenas um caráter utilitário.

*A construção de dados arqueológicos reflete a posição peculiar da arqueologia. Nem humanidade nem ciência, nem arte nem análise, a arqueologia combina métodos e paradigmas de ambos. A arqueologia pré-histórica inicial, em particular, continua sujeita aos paradigmas da ‘ciência normal’ de uma maneira que está mudando em períodos do Neolítico em diante. O mundo dos caçadores-coletores é visto irresistivelmente (PLUCIENNIK, 2002) como dominado por imperativos de subsistência e é estudado em termos de números e contas, as ciências dos restos de flora e fauna, e a física do rádio-carbono.*<sup>6</sup> (Pirie, 2004, p. 678)

<sup>4</sup> Em inglês: “Inert matter is transformed by social practices or productive labour into a cultural object, be it a product for immediate consumption, a tool or work of art.”

<sup>5</sup> Por exemplo Hodder, 1986; Shanks e Tilley, 1992.

<sup>6</sup> Em inglês: “The construction of archaeological data reflects the peculiar position of archaeology. Neither humanity nor science, art nor analysis, archaeology combines methods and paradigms of both. Early prehistoric archaeology, in particular, continues to be subject to the paradigms of ‘normal science’ in a way that is changing in periods from the Neolithic onwards. The world of the hunter-gatherer is seen overwhelmingly as dominated by subsistence imperatives (Pluciennik 2002) and is studied in terms of numbers and counts, the sciences of floral and faunal remains, and the physics of radiocarbon.”



Segundo Rosa (2007) o caráter meramente funcional e utilitário da cultura material é questionado por Hodder (1992) que defende a presença de significados nos artefatos que podem ser atribuídos de diferentes formas e em diferentes relações e contextos. A atenção desta visão utilitária era dispensada majoritariamente aos aspectos físicos e às restrições materiais dos objetos, sendo que seu conteúdo significativo, seus elementos simbólicos e ideológicos, eram esquecidos.

Outra crítica à idéia das culturas humanas subordinadas às atividades práticas e com caráter utilitário vem do antropólogo Marshal Sahlins (1976 apud ROSA, 2007), que sugere a interpretação simbólica ou significativa da cultura. Para ele o homem não “sobrevive” simplesmente em um mundo material, ele sobrevive de forma específica conforme seus próprios esquemas simbólicos. A funcionalidade das coisas tem finalidade cultural e é definida por este esquema significativo, o que é claro não retira o caráter material das coisas.

### **3.1. A CULTURA FEITA MATERIAL**

Nosso mundo é impregnado pela cultura material da qual, segundo Warnier (1999), não conseguimos escapar por momento algum desde nosso nascimento. Ela possui uma importância fundamental na medida em que se encarrega de transmitir e preservar valores humanos em suas relações sociais. Objetos são parte ativa das relações sociais. Para Rabardel (apud VIANA, 2005) um objeto pode ser considerado uma estrutura dinâmica uma vez que sua utilização também tem um caráter dinâmico. Seu funcionamento é organizado, o que não impede que possa congrega e adequar novas situações se necessário. Como a cultura material é resultado de um processo produtivo e o indivíduo que confecciona um determinado objeto é sempre um sujeito social, este objeto por ele produzido apresenta duas dimensões: uma privada (própria de cada indivíduo) e outra social. Desta forma a cultura material é uma produção social e socializada, mesmo se trabalho de um único indivíduo (SHANKS e TILLEY, 1992).

Para Glassie (1999) cultura material é exatamente a cultura feita material, uma vez que cultura é apenas um modelo mental, interna, invisível, tornado-se tangível somente através das coisas materiais. Cultura material então combina o visível com o invisível, o tangível com o simbólico. Ela inicia com as coisas, mas não precisa necessariamente terminar nelas, pois, por ser cultural, pode nos transmitir ações e



pensamentos, impressos nas cicatrizes deixadas pela atividade humana. Estas cicatrizes formam uma cadeia de informações sobre os objetos, um texto que pode ser lido e descrito durante o processo de análise. Pois como afirma Glassie (1999), mesmo não sabendo o que um objeto significa, nós podemos descrevê-lo e, assim como um texto, ele pode ser quebrado em partes e lido como uma composição, uma vez que a forma como ambos são criados (texto e objeto), através de esforços físicos e mentais, os coloca em conexão.

As atividades das pessoas são construídas e organizadas socialmente ao mesmo tempo em que são representadas simbolicamente na forma de linguagem e objetos materiais (SHANKS e TILLEY, 1992). Uma vez que não temos mais acesso a linguagem destas pessoas, apenas nos resta tentar ler suas atividades no que chegou até nós, a cultura material. Entretanto, esta leitura não é uma tarefa fácil, pois objetos têm sua própria forma de comunicar-se uma vez que reportam à pensamentos e formulações que resistem a formulação verbal, enquanto tentamos obstinadamente decompô-los em palavras (GLASSIE, 1999).

A tarefa de transcrever objetos em texto além de ser um empreendimento complicado é também arriscada, pois ao fazê-lo diversos elementos são perdidos. Não posso, por exemplo, alcançar determinadas escolhas do artesão nem os significados que somente existiram em sua mente. Contudo, essa transcrição é necessária para que a cultura material se torne inteligível, uma vez que é através da narrativa discursiva do arqueólogo que objetos ganham sentido, pois “artefatos não significam nada. É somente quando são interpretados através da prática que eles se tornam investidos com significados”<sup>7</sup> (BARRETT, 1994 apud HOLTORF, 2005, 60).

Ao nomear e classificar as coisas construímos relações metafóricas e perdemos muito de seus detalhes, no entanto ganhamos formas de torná-los compreensíveis. Conforme Latour para descrever coisas em palavras, nós as manipulamos conferindo-lhes diversas transformações que resultam no objeto tomando forma, indo do concreto para o menos concreto. E cada transformação que o objeto sofre o torna mais móvel, universal, comparável, padronizado, ao mesmo tempo em que o torna menos particular e detalhado (PIRIE, 2003).

---

<sup>7</sup> Em inglês: “Artefacts mean nothing. It is only when they are interpreted through practice that they become invested with meanings.”



Assim, cultura material é um meio através do qual pessoas se comunicam e se expressam. Uma vez que um objeto é visto enquanto um signo, adquire diferentes significados conforme o contexto no qual estiver inserido. Coisas contextualmente estruturadas podem ser lidas da mesma forma que um texto. E assim, a cultura material é transformada em texto para permitir as que as pessoas se comuniquem.

*(...) é a análise contextual de seus usos e significados o que possibilita avaliar a importância dos mesmos não apenas enquanto índices de adaptabilidade mas, também, como meios de satisfação das necessidades práticas do cotidiano e como veículo de transmissão de conteúdos simbólicos e afirmação de identidade pessoal e étnica. (SILVA, 2002, p. 120-121)*

Quando o único vestígio que nos resta de sociedades remotas é a cultura material, é somente através de sua análise que temos a possibilidade de conhecer essas culturas que não mais existem. Analisando e descrevendo a cultura material, percebemos as mensagens nela inscritas, ou seja, os diversos aspectos que influenciaram em sua gênese. E ao inserir os objetos em seu contexto apreendemos os diferentes papéis que podem ter assumido nas sociedades do passado.

Porém, durante a escavação o arqueólogo elimina um contexto (o contexto arqueológico onde se encontravam as coisas), mas ao escrever ele cria outra relação para as coisas. É este o momento em que os primeiros dados são construídos e as primeiras relações com os objetos ocorrem, pois como bem salienta Thomas:

*a escavação de um sítio arqueológico deve tornar-se um momento de conversação, negociação, contestação e diálogo entre os participantes, que passariam a produzir dados sobre o passado de forma ativa e participativa. Além disso, as contribuições dadas por cada um dos participantes do trabalho de campo estão vinculadas a um contexto mais amplo, onde suas experiências em estudos anteriores influenciam no desenvolvimento da pesquisa e por conseguinte no seu resultado final. (ROSA, 2004, p. 24)*

O método de escavação e tudo o que acontece em campo influencia na imagem que fazemos do passado (PIRIE, 2003). O modo como vemos e percebemos o trabalho de campo guiará o modo como iremos transcrever a cultura material em palavras.

A forma como lidamos com os dados, os métodos de observação, descrição e quantificação dos artefatos, tudo isso influencia na imagem que fazemos do passado (PIRIE, 2003). Os objetos só ganham significado através do discurso construído pelo



arqueólogo. E o discurso do arqueólogo é construído com os artefatos (HILBERT, 2006).

#### 4. LENDO AS COISAS

A coleção lítica recuperada durante os trabalhos de campo está composta por mais de 9.000 peças, sendo a grande maioria lascas de tamanhos médios e pequenos, estilhas e micro-lascas. Os núcleos são raros e de pequenas dimensões. Há ainda instrumentos como lascas utilizadas, plano-convexos, pontas de projétil e bolas de boleadeiras.

A matéria-prima utilizada é na imensa maioria o arenito silicificado originado entre os derrames basálticos da Formação Serra Geral que podem ter sido adquiridos nos afloramentos circundantes dos cerritos ou de blocos destacados de afloramentos maiores distribuídos na região. Mas há ainda alguns fragmentos de quartzos e calcedônias, em geral lascas de tamanhos bastante reduzidos.

Os métodos de confecção dos artefatos empregados pelos artesãos pré-históricos foram o lascamento por percussão, o polimento e o picoteamento – estes últimos aplicados à confecção das bolas de boleadeiras.

##### 4.1. OS ARTEFATOS LÍTICOS

Como comentado por Mello (2006) um objeto tomado apenas em sua materialidade é somente um elemento abstrato, um testemunho caldo, que não expressa nenhum sentido ou intenção de seu criador. Se nos restringirmos somente à análise dos objetos em sua essência material, não chegamos a um entendimento do processo de produção dessa cultura material. É preciso ir além das formas – uma vez que uma mesma forma pode resultar de diferentes conhecimentos –, da materialidade por si só. E nesse sentido o estudo da tecnologia<sup>8</sup> empregada na confecção dos objetos vem auxiliar.

*A tecnologia constitui um ramo particularmente importante entre as disciplinas etnológicas, pois é a única que evidencia uma continuidade total no tempo, é a única que permite apreender os primeiros actos propriamente humanos e acompanhá-los de milénio*

---

<sup>8</sup> Tecnologia é aqui entendida como “o conjunto de artefatos, comportamentos e conhecimentos empregados pelo homem na transformação e utilização do mundo material”, conforme Silva (2002, p. 121).



*em milénio até o limiar dos tempos actuais. (LEROI-GOURHAN, 1984a, p. 11)*

Como a tecnologia estuda “fenômenos adquiridos, transmitidos e conservados pela aprendizagem, nos quais portanto o sujeito assume o papel principal nas transformações culturais” (FOGAÇA, 2003, p. 1), é possível perceber através dela uma série de relações e regras sociais desenvolvidas por uma sociedade. Como já dito por Leroi-Gourhan (1984a, p. 231) “a tecnologia, termo preciso no vocabulário industrial moderno, estende-se progressivamente do aparelho de televisão ao sílex lascado”.

Quando aplicamos a tecnologia na análise arqueológica devemos prestar atenção a todas as dimensões do objeto, tendo em mente que ele é também uma construção simbólica e não apenas uma resposta a um problema ambiental encontrado pelo caminho. Silva (2002, p. 131) nos aponta o caminho para pensarmos a tecnologia:

*(...) procure vislumbrar a tecnologia como um fenômeno em que a dimensão material e os aspectos conceituais e simbólicos encontram-se totalmente entrelaçados. Em suma, como um fenômeno que apresenta ao mesmo tempo, uma dimensão adaptativa e expressiva, ou seja, que é constituído de diferentes dimensões e significados.*

Ao tratarmos a tecnologia como um processo no qual as etapas de transformação da matéria estão inter-relacionadas com fenômenos simbólicos e ambientais vamos ao encontro dos pressupostos de Mauss:

*(...) Todo objeto técnico deve ser estudado: 1º em si mesmo; 2º em relação às pessoas que se servem dele; 3º em relação à totalidade do sistema observado. O modo de fabricação dará lugar a um inquérito aprofundado: o material é local ou não? Certas calcites foram transportadas ao longo de distâncias consideráveis; a procura de jazigos de sílex é característica de toda a era paleolítica e neolítica; várias tribos australianas vão procurar o ocre a seiscentos quilômetros de distância. (...) Por vezes, ainda, a ferramenta é emprestada já fabricada. Estudos dos diferentes momentos de fabricação desde o material bruto até o objeto acabado. Estudar-se-á, em seguida, da mesma maneira, o modo de emprego e a produção de cada ferramenta. (MAUSS, 1993 apud FOGAÇA, 2003, p. 1-2)*

Após estas associações simbólicas serem estabelecidas e postas em prática, o resultado final para o indivíduo que as pratica é a confecção de um instrumento ou artefato, que sobreviverá ao passar do tempo e poderá ser estudado futuramente. O



objeto que é analisado como resultante de uma cadeia operatória<sup>9</sup> é chamado de “objeto técnico”, que é:

*(...) primeiramente o fruto de um conhecimento abstrato, concebido e armazenado pelo cérebro humano; em seguida ele é fabricado por meio de processo técnico de realização que organiza progressivamente uma matéria inorgânica e a finaliza como um prolongamento do corpo humano em direção ao meio exterior. Interface entre o corpo e o meio ambiente, o objeto é enfim um instrumento de ação sobre o meio. O objeto técnico pode, portanto, ser interpretado em função de um registro de leituras apropriadas: seja físico (restrições da matéria, meio ambiente), biológico (comportamentos, seqüências gestuais), econômico ou psíquico (métodos e conhecimentos). (GENESTE, 1991 apud HOELTZ, 2005, p. 103)*

O objeto técnico é o produto da técnica e pode nos transmitir informações à respeito do ‘saber-fazer’ de grupos humanos e nos informar sobre os conhecimentos técnicos transmitidos ao longo das gerações, a ‘tradição’ de determinados grupos (FOGAÇA e BOEDA, 2006). O próprio termo tradição já nos remete a uma estrutura rígida, o que não significa que não possa ser flexível em termos de adaptabilidade. Sua evolução não obedece apenas à exigências funcionais, mas também à exigências estruturais, à opção cultural de cada grupo (SIMONDON, 1969; BOEDA, 1997 apud idem).

Compreender este objeto técnico é compreender sua gênese, toda a série de processos que o estruturaram, tanto em relação ao objeto quanto ao sujeito. A gênese de um objeto pode ser analisada em dois planos: o sincrônico e o diacrônico.

*No plano sincrônico, o objeto é considerado como indivíduo entre um conjunto de objetos: ele ocupa um lugar temporário no desenrolar de operações técnicas. Mas é um indivíduo que tem uma especificidade. No plano diacrônico, o objeto está em relação com os objetos que lhe são anteriores. A compreensão de um objeto, ou de um sistema de objetos ao qual ele pertence, passa por uma apropriação de dimensões evolutivas do objeto e do próprio sistema. (BOEDA, 1997 apud MELLO, 2007, p. 129-130)*

Mello (2007) prefere utilizar o termo proposto por Rabardel (1995) ‘antropotécnico’, pois os objetos não devem ser entendidos apenas por suas

---

<sup>9</sup> “A cadeia operatória poderia ser definida como uma sucessão de operações mentais e gestos técnicos para satisfazer uma necessidade (imediata ou não) segundo um projeto pré-existente” (PERLÈS, 1987 apud HOELTZ, 2005, p. 101). Etapas seqüencialmente ordenadas nas quais várias ações se coordenam para se chegar a um determinado fim.



características tecnológicas, mas também em sua relação com os seres humanos, uma vez que foram por estes pensados e concebidos. Os instrumentos teriam assim dois estágios, um ligado ao processo de produção (operacional) e outro de utilização (simbólico), se tornando desta forma uma entidade mista.

*O ponto fundamental desta definição é que o instrumento não pode ser reduzido ao artefato, o objeto técnico ou à máquina, dependendo da terminologia. Acreditamos que temos que definir o instrumento como uma entidade mista, que é sujeito e objeto (no sentido filosófico do termo): o instrumento é uma entidade composta que compreende um componente artefactual (um artefato, uma fração de um artefato ou um conjunto de artefatos) e um componente esquemático (o ou os esquemas de utilização, os mesmos frequentemente ligados a esquemas de ação mais ampla). (RABARDEL apud VIANA, 2005, p. 58)*

Se pensarmos no objeto somente enquanto um produto tecnológico esquecemos o indivíduo que o confeccionou. Um instrumento só existe enquanto tal porque foi pensado, refletido e projetado por alguém a partir de seus conhecimentos, suas escolhas, seus desejo, ou seja, sua cultura que durante a fabricação do artefato se torna material. Segundo Pelegrin (2005 apud RODET e ALONSO, 2007, p. 147).<sup>10</sup>

*Um objeto é antes de tudo um projeto: a reflexão do lascador corresponde a uma série de operações cognitivas e sensorio-motoras que serão realizadas em várias etapas envolvendo a representação mental do objeto a ser fabricado, ou seja, o modelo presente na mente do lascador que reflete a sua cultura e que corresponde a formas ideais e desejadas – imagens mentais, estocadas na mente. Para realizar esse trabalho o lascador coloca em obra o seu savoir-faire, seus conhecimentos (que correspondem ao conhecimento visível e transmissível) e suas habilidades (que correspondem à competência adquirida pela experiência pessoal e pela prática).*

E cada objeto é projetado pelo sujeito de forma única. Ele é ‘objetivado’ e por essa razão todos os fatores relacionados à sua confecção estarão ligados às escolhas prévias do sujeito. Para Glassie (1999) o artefato incorpora intenções, indicando os processos de criação que se desenrolaram na mente do criador. De acordo com Hoeltz

---

<sup>10</sup> Em francês: “Le point fondamental de cette définition est que l’instrument ne peut se réduire à l’artefact, l’objet technique ou la machine, selon les terminologies. Nous pensons qu’il faut définir l’instrument comme une entité mixte, qui tient à la fois du sujet et de l’objet (au sens philosophique du terme): l’instrument est une entité composite qui comprend une composante artefact (un artefact, une fraction d’artefact ou un ensemble d’artefacts) est une composante schème (le ou les schèmes d’utilisation, eux-mêmes souvent liés à des schèmes d’action plus généraux).”



(1997) uma vez que a forma do produto final já está pré-estabelecida na mente do artesão, este agirá de forma intencional em suas escolhas e gestos técnicos. Percebemos assim que há um ‘esquema conceitual’ envolvido em toda atividade técnica.

*A produção de um instrumento lítico pré-histórico requer um planejamento abstrato de ações integradas que pode ser implementado de acordo com o projeto e as circunstâncias específicas. A efetivação deste processo exige a aplicação de estratégias que, conscientes ou não, permitem que soluções sejam tomadas, as quais influenciam diretamente em termos de economia de tempo e de material, risco de fracasso etc. (PERLÈS, 1992 e PELEGRIN, 1995 apud VIANA, 2003, p. 801)*

Se as estratégias escolhidas proporcionarem um retorno positivo, o grupo as incorporará e as transmitirá ao longo das gerações. Mas sua substituição somente ocorrerá quando novas circunstâncias surgirem e tais estratégias não puderem mais suprir as necessidades do grupo (PERLÈS, 1992 apud VIANA, 2006).

Muitas são as variáveis que podem influenciar nas escolhas do grupo e na opção por determinadas estratégias: acesso e qualidade da matéria-prima, escolhas culturais, contexto socioeconômico do grupo etc.

Todos os objetos arqueológicos são o testemunho das estratégias utilizadas em sua confecção, ou seja, apresentam em sua morfologia aquilo que se convencionou chamar de “escolhas. As escolhas são de fato a gênese social dos gestos técnicos empregados pelos artesãos, uma técnica que surge e que é incorporada pelo grupo ou indivíduo, uma vez que seja compatível com o sistema no qual será inserida, pois:

*(...) uma nova técnica não seria adotada nessas sociedades se ela colocasse manifestamente em perigo a reprodução idêntica de objetivos do sistema sócio-econômico e os valores sobre os quais ele se funda. (DESCOLA, 2002, p. 96)*

Toda escolha técnica está envolvida por questões como aprendizagem, habilidades adquiridas pela experiência, relações sociais e simbólicas, convivência entre indivíduos e grupos, influências do meio ambiente, etc. Portanto, no momento em que uma técnica é empregada toda essa “carga” adquirida pelo indivíduo estará presente, o direcionando para uma determinada escolha.

*...como toda técnica se resume a uma relação entre o homem e a matéria não-viva ou viva (nela compreendido ele mesmo), esta relação deve ser objetivável. Objetivar uma nova técnica não significa poder conceitualmente decompor sua cadeia operatória em unidades elementares ou poder pensar seu lugar no interior de um sistema*



*técnico englobante. Objetivar uma técnica supõe que a relação original que ela institui entre o homem e a matéria possa ser representada a partir do estoque preexistente de relações consideradas como logicamente possíveis no interior da totalidade sociocultural que se terá definido de antemão como unidade de investigação. (DESCOLA, 2002, p. 97)*

Ao objetivar uma técnica, o indivíduo está associando um utensílio a um gesto técnico, que presumivelmente existe em sua memória, na qual se inscreve o programa do comportamento. E um objeto material vai então dar vida à produção mental deste indivíduo, expressando suas intenções e não necessitando de palavras para vir à tona.

*Material, uma parte do mundo, o registro de uma ação corporal na natureza, o artefato exibe o processo de seu projeto, o padrão na mente de seu criador. Ele incorpora a intenção. Intenções não necessitam, assim, registrar na consciência que podem ser levadas adiante em comentários ordenados. Sua realidade não depende de palavras. (Glassie, 1999, p. 44)<sup>11</sup>*

O conceito original de cadeia operatória teria suas bases na observação etnográfica, para a descrição de técnicas tradicionais, e, a partir desse contexto, a tecnologia foi compreendida como processo, como um encadeamento de etapas de transformação da matéria. E, assim, a atividade técnica veio a ser considerada como um fenômeno multidimensional. Embora essas múltiplas dimensões da técnica recebam denominações distintas conforme cada autor, poderíamos generalizar e apresentá-las como integrantes de um processo composto pelo objeto em si, as pessoas e o sistema. Do mesmo modo, na prática, acredita-se que a seqüência operacional divide-se em três estágios que se fundamentam a partir de conceitos diferenciados e ocorrem em sucessão temporal: aquisição da matéria-prima, produção de instrumentos e agenciamento do conjunto de instrumentos.

O ‘objeto técnico’ - enquanto produto de uma cadeia operatória - é, inicialmente, o fruto de um conhecimento abstrato que, num segundo momento, passa a ser fabricado por meio de um processo técnico de realização que organiza progressivamente uma matéria inorgânica, para, finalmente, tornar-se um prolongamento do corpo humano em direção ao meio exterior.

---

<sup>11</sup> Em inglês: “Material, a part of the world, the record of bodily action in nature, the artifact perpetually displays the process of its design, the pattern in the mind of its creator. It incorporates intention. Intentions need not so register in consciousness that they can be brought forth in orderly commentary. Their reality does not depend on words”.



Acredito que a abordagem de uma análise tecnológica deve se dar a partir de dois ângulos distintos, mas que devem ser integrados um ao outro.

*De uma parte, tem-se a investigação tecno-econômica ou contextual e, de outra, a fundamentação psicológica que envolve o processo. Igualmente tratado por 'esquema operatório', este segundo eixo corresponde à tradução dos aspectos cognitivos da cadeia operatória. Julga-se que a realização de um ato ou de uma sucessão lógica de atos só é possível pela aplicação de conhecimentos técnicos e de saber-fazer e tais conhecimentos são aquisições obtidas desde muito cedo e cotidianamente pelos artesãos; além disso, considerados rígidos, esses conhecimentos não serão renegociados na vida adulta. Nesse sentido, pode-se reconhecer, individualizar e diferenciar as sociedades por intermédio da rigidez ou da estabilidade. (HOELTZ, 2005, p. 385)*

Para a caracterização de uma cadeia operatória lítica (sempre em contexto arqueológico), se destaca a necessária articulação entre os conceitos da cadeia operatória desenvolvida maquinamente pelo indivíduo e suas reflexões críticas empregadas no momento da objetivação técnica, tendo sempre em mente que o encadeamento destes gestos técnicos sempre serão adaptáveis à variabilidade natural da matéria-prima. Conforme Fogaça (2003, p. 16) “a formação do artesão se dá portanto pela aquisição concomitante e articulada de uma técnica e de uma tecnologia, compondo ambas o universo tecnológico da cultura”.

Para esta análise do material proveniente dos trabalhos de campo, destaco a presença do material lítico sobre o qual farei algumas considerações a seguir, procurando relacioná-lo aos grupos construtores dos cerritos. O enfoque principal dado ao material lítico decorre da abundância destes em ambas as coleções e porque “não obstante, na América, o instrumental de pedra é o testemunho único de todo processo de povoamento (...)” (MANSUR, 1990, p. 116). Nesse sentido, faz-se necessário pensar as peças líticas como formadoras de um conjunto maior quanto a sua produção e a sua coexistência com outros instrumentos.

#### 4.2. Os Instrumentos Plano-Convexos

Fazendo um exercício de reflexão, pensemos nos instrumentos como os vetores de uma série de ações que guardam todos essas ações em si, possibilitando que estas sejam lidas e descritas na forma de texto. A leitura desta peças que apresentarei a seguir



é fruto de suas vidas presentes, desde o momento da retirada do solo até as interpretações que aqui faço. Porém, ao interpretar as pistas da tecnologia de confecção dos instrumentos, acredito me aproximar de certa forma de suas vidas passadas.

Um tipo de instrumento bastante recorrente na coleção são os chamados raspadores plano-convexos, muito comuns em sítios caçadores-coletores. Este tipo de instrumento é recorrente em sítios arqueológicos por todo o mundo e análises mais aprofundadas da tecnologia empregada em sua confecção e de marcas de utilização sugerem que receberiam usos diferenciados.

*(..) o que comumente é chamado de 'artefatos plano-convexos', na verdade são suportes unifaciais: são matrizes que podem ser organizadas em diferentes instrumentos (ou seja, podem receber diferentes UTF's<sup>12</sup> transformativas ao longo do seu bordo). (MELLO, 2006, p. 764)*

Na coleção em questão há uma quantidade significativa de artefatos formais representados pelos instrumentos plano-convexos, que apresentam padronização tanto da matriz quanto do núcleo de onde foi retirado o suporte. Distingui três categorias tecnológicas de suporte: 1) suportes com nervura-guia; 2) suportes com superfície central plana; e 3) suportes piramidais. Uma vez que tais suportes foram padronizados, houve uma adequação de suas estruturas volumétricas e três tipos diferentes foram identificados para estes instrumentos: 1) prisma triangular; 2) prisma triangular; e 3) piramidal.

Os suportes utilizados na confecção de tais instrumentos foram lascas de plena debitagem, sem presença de córtex, predominando lascas cujas retiradas de debitagens anteriores produziram uma superfície plana na parte central da face externa ou lascas cuja parte central é definida por uma aresta longitudinal, sendo que esta última aparece em maioria.

Os instrumentos foram confeccionados sobre lascas pré-determinadas, sendo que todas as qualidades do bloco foram levadas em conta desde o momento da escolha da matéria-prima. Os suportes eram volumosos, proporcionando um maior aproveitamento do gume e possibilitando um maior número de reavivamentos. Os ângulos das bordas

---

<sup>12</sup> UTF é a organização particular das retiradas, cujas conseqüências técnicas agem em sinergia para colocar uma característica técnica remarcável e coerente (MELLO, 2006, p. 767). Nota da autora.



dos artefatos indicam que eram utilizados na ação de raspar; portanto, atividades de incisão e corte deveriam ser atribuídas às lascas.

Os instrumentos obedecem a um padrão tecnológico de confecção embora apresentem formatos diferenciados. A matriz foi estruturada o que proporcionou uma total sinergia entre as superfícies – cada retirada influencia na próxima. Foram confeccionados a partir do lascamento direto, com retiradas invadentes. Pequenos retoques foram feitos nas bordas e o reavivamento do gume se dava de uma forma bem característica: lascas grandes e, algumas vezes, relativamente espessas eram retiradas com um forte golpe produzindo, assim, um novo gume que era novamente retocado e utilizado ou em alguns casos, utilizado diretamente. Outra característica marcante é a retirada de lascas contrárias ao plano de percussão que ocorre em praticamente todas as peças. É possível perceber aqui uma atividade largamente associada ao uso dos objetos: a reciclagem visando a manutenção dos instrumentos. A partir disto, vê-se que a estrutura de confecção dos instrumentos é estável, o que pode indicar que o método aplicado em sua produção se inscreve na tradição cultural do grupo, uma vez que

*(...) os aspectos cognitivos e empíricos constituem a herança técnico-cultural de um grupo, porquanto testemunham a experiência adquirida e sucessivamente transmitida de geração a geração, correspondendo ao saber-fazer, relacionado às operações intuitivas baseadas na experiência pessoal do artesão (BOEDA, 1997; KARLIN e JULIEN, 1996 apud VIANA, 2006, p. 803).*

A confecção adequada dos instrumentos plano-convexos está ligada à eficiência técnica do artesão, pois, a aplicação de conhecimentos tecnológicos complexos exige, concordando com Viana (2006, p. 829-830) “não somente seleção de matéria-prima adequada, obtida com base em ‘escolhas’ previamente determinadas, mas também conhecimento e domínio dos métodos e técnicas, que cada concepção exige para a eficácia de sua produção”.

Uma leitura mais detalhada de cada peça<sup>13</sup> demonstra este **padrão de confecção** ao qual me refiro que está ligado ao aprendizado e a herança cultural do grupo, uma vez que parece claramente ter ocorrido o planejamento prévio dos objetos por parte dos artesãos.

---

<sup>13</sup> Para uma análise detalhada da cultura material ver QUINTANA, 2010.



Após a leitura dos instrumentos é possível concluir que os suportes foram lascas bastante robustas com estruturas volumétricas formatadas – sendo identificados três tipos. As principais ocorrências observadas na coleção são as seguintes:

- Um padrão tecnológico é percebido com determinadas características presentes em todos os instrumentos.
- Os negativos na face dorsal anteriores ao lascamento de alguns instrumentos formam superfícies planas.
- As retiradas de façonnage geralmente invadentes e abruptas.
- Retidas abruptas originaram grandes negativos reflexivos.

Baseada nos parâmetros tecnológicos da coleção criei três categorias tecnológicas para os instrumentos plano-convexos entre os quais os dividi para fins de análise.

Os ângulos dos instrumentos apontam para a atividade de ‘raspar’, sendo empregado em materiais como peles, madeira e ossos. Entretanto, somente através da análise microscópica dos vestígios de utilização destes instrumentos seria possível afirmar que materiais teriam sido por eles trabalhados. Mas as suposições que faço se baseiam na discussão a respeito dos ângulos dos instrumentos, segundo a qual a ação a ser desempenhada necessita de um determinado valor de ângulo: para ações de raspar o ângulo do gume deve ter em torno de 70° a 90°; para a ação de cortar o gume deve formar um ângulo em torno de 40° a 60°; um ângulo menor que 40° permite cortes deslizantes (BOEDA apud VIANA, 2006, p. 132).

Outro fator que influencia no funcionamento do instrumento é o formato da linha de gume. Linhas de gume curvas são apropriadas para cortar e talhar, sua área de ação é maior e melhor aproveitada. Já as linhas de gume retas são mais adequadas a furar e fatiar, mas limitam-se a uma área de ação menor. Note-se que os instrumentos da coleção em estudo possuem linhas de gume de ambos os tipos, entretanto seus ângulos são maiores que 70°, encaixando-se nas atividades de raspar. Destaco ainda que instrumentos com maior ângulo exibem maior resistência, podendo ser aplicados em objetos a serem transformados que exijam maior força motriz do instrumento transformativo.



As pequenas dimensões dos artefatos plano-convexos chamam a atenção, pois apresentam em média um comprimento de 5,65cm. Estas dimensões reduzidas implicam limitações com relação às dimensões do material no qual seriam empregados os artefatos, mas, em contrapartida, implicam uma maior facilidade no transporte.

*Para Kuhn conjuntos artefatuais compostos por uma série de pequenos artefatos unifaciais confeccionados sobre lascas representariam a solução ótima para articular transportabilidade e multifuncionalidade na elaboração dos conjuntos de artefatos transportados pelos caçadores-coletores em diversos tipos de deslocamento, pois apresentam a melhor relação em termos de utilidade e peso (1994 apud BUENO, 2007, p. 88).*

Percebemos ainda que as pequenas dimensões dos instrumentos não foram um empecilho para seu reaproveitamento. Um método particular de reavivamento (as grandes retiradas com um forte golpe referidas acima) era empregado com o objetivo de criar novos ângulos e com isso a peça podia ser exaustivamente utilizada.

## 5. Considerações Finais

A primeira consideração que devo fazer é que a proposta de experimentar a região através de lembranças e registro foi extremamente limitante, uma vez que para se realizar um trabalho satisfatório de fenomenologia é necessário um estudo muito mais completo e planejado. Em momento algum deixei de levar isto em consideração, mas como já salientei os trabalhos de campo haviam sido realizados nos primórdios de minha graduação, antes mesmo que eu soubesse ao certo o que era um cerrito. Porém, o desejo de compreender um pouco melhor estas estruturas tão controversas e o contato com novas propostas que tanto me fascinaram me levaram a fazer escolhas. Aproximando-me agora do final da jornada sinto-me mais satisfeita do que certamente estaria se decidisse não trilhar este caminho. Porém, reconheço as faltas, mas não sem apontar os logros.

Seguindo propostas de arqueólogos como Julian Thomas e Christopher Tilley, realizei a experimentação das paisagens da região em estudo o que me propiciou perceber os sítios com cerritos de uma forma mais ampla e pensar em relações até então não apreendidas por mim. Uma delas foi a relação dos seres humanos com o clima e como a habitação de regiões pampeanas propicia uma experiência singular. Habitar estes lugares cria relações particulares que só são possíveis de perceber através da



experiência do corpo no espaço. O frio intenso, o sol escaldante e os ventos fortes são sentido de forma diferente em um lugar onde a proteção natural não existe.

As paisagens descampadas criam ainda relações visuais com o ambiente que não ocorrem em paisagens onde há, por exemplo, árvores e montanhas. O domínio visual que os habitantes desta região possuem é maior, podendo ser ampliado quando se tem uma elevação do terreno que possa ser utilizada de forma semelhante a um ‘mirante’. Construir um cerrito era uma forma de ampliação do domínio visual de territórios estratégicos.

Ainda em relação ao território, erigir estruturas deste porte era também uma forma de demarcar zonas de interesse tanto econômico quanto cultural, uma vez que dificilmente se encontram em regiões pampeanas demarcadores naturais. Dessa forma, aterros assinalando posições topográficas estratégicas na paisagem e que possibilitam a ampla visualização de outras estruturas bem como de grande extensão do território criam as chamadas por Pintos (2000) “bacias de intervisibilidade”, que possibilitariam o domínio de vastas zonas ambientais com concentração de altos níveis de recursos naturais.

Os cerritos estão ligados a sociedades complexas e são somente uma parte especializada do sítio – este último é um espaço mais amplo, compreendendo também as áreas em torno–, que demonstra como estas sociedades se apropriaram, domesticaram e modificaram as paisagens nas quais viveram. Acredito que estas são estruturas que exigiram tempo e trabalho dos povos que as erigiram, demandando altos níveis de integração social.

Quanto aos sítios arqueológicos do Banhado do M’Bororé que sofreram intervenção são formados por “um amontoado aleatório de terra, pedras, matéria orgânica e material lítico descartado”. Mas não é possível afirmar o mesmo para os outros cerritos da região, pois há distinções entre os materiais escavados e os materiais encontrados durante as prospecções e doados pelos moradores. Os dados levantados por pesquisadores sobre estas construções em outras regiões, tanto no Brasil quanto no Uruguai, revelam-nos a presença de uma grande variedade de materiais nos mais diversos cerritos. Isso me leva a inferir sobre as múltiplas funções que os cerritos poderiam adquirir dentro das sociedades proto-agricultoras que os construíram.



É plausível refletir ainda sobre uma possível estratificação social entre determinados grupos construtores de cerritos, uma vez que em alguns destes sítios encontram-se sepultamentos de indivíduos selecionados como salientado por Milder:

*Os sítios fornecem evidências claras de estratificação social. As pessoas comuns eram enterradas em aldeias, acompanhadas por pouco ou nenhum bem funerário, enquanto que os indivíduos de status elevado eram enterrados em aterros e cercados de objetos cerimoniais artisticamente elaborados e de grande luxo. (MILDER, 2003, p. 265)*

Contudo, não foram obtidas provas desta prática nos cerritos que sofreram intervenção no município de São Borja. O que, conjuntamente com outras ausências, levanta a dúvida acerca das demais funções relacionadas a este tipo de sítio. Quanto a considerar as estruturas como moradias para mim é uma questão improvável de se cogitar para os cerritos Butuy 1 e 2, uma vez que nenhuma evidência foi resgatada como restos alimentares, estruturas de fogueiras, buracos de esteios ou fragmentos cerâmicos. Muito embora análises de solo demonstrem intensa ocupação humana, credito isto ao fato de a terra utilizada na construção dos aterros ser proveniente de zonas de captação também utilizadas como depósitos de refugos do grupo. Dessa forma posso levantar duas hipóteses para a construção destes dois aterros: a) um caráter cultural ou ritualístico do qual não possuo evidências concretas, mas que é bastante atribuído a este tipo de sítio arqueológico. Para sustentar esta hipótese chamo a atenção para a distribuição dos aterros na paisagem. Padrões semelhantes foram identificados em pesquisas no Uruguai e interpretados como aldeias planejadas nas quais os cerritos seriam estruturas cerimoniais rodeando uma praça central habitada. Em segundo lugar b) indicadores e demarcadores territoriais, implantados em áreas de grande interesse econômico, fato comprovado pela presença de banhados, ambientes altamente ricos em recursos animais e vegetais, e pela boa oferta de matéria-prima dos afloramentos basálticos locais que escondem ainda o arenito intertrápico de ótima fratura conchoidal.

Devido à ausência de restos faunísticos infelizmente não foi possível definir hábitos alimentares do (ou dos) grupo que habitou o lugar. Restos de alimentação também seriam um recurso no estabelecimento de períodos de ocupação da região, que se daria possivelmente através de acampamentos sazonais em épocas em que as zonas alagadiças proveriam grandes diversidades de alimentos, matérias-primas e água. Como nenhum tipo de datação foi obtido para os sítios, posso apenas levantar estas hipóteses



analisando a geomorfologia da região e me apoiando em outros trabalhos. Comparações com dados levantados por José Iriarte (2003) na bacia do rio da Prata nos dão algumas pistas do período em que podemos localizá-los. Vestígios cerâmicos não foram descobertos durante as escavações<sup>14</sup>, bem como nenhuma indicação de sepultamentos. Mas uma pista nos pode ser dada pelos artefatos líticos descobertos no sítio. Conforme afirma Iriarte a tecnologia lítica exhibe uma mudança gradual em direção a uma tecnologia mais expediente e informal entre o Período Arcaico e o Pré-Cerâmico, sendo que durante o Período Cerâmico são mais diversos e generalizados com maior utilização de lascas não modificadas. Em outras regiões das Américas tais transformações para uma tecnologia mais expeditiva estão relacionadas com mudanças para uma economia mais ampla e orientada.

Seguindo esta pista, me foco agora nos resultados das análises dos artefatos líticos oriundos dos trabalhos de campo. Devido à grande quantidade de material, sendo a imensa maioria lascas e microlascas sem marcas de uso ou retoques, optei por me focar nos instrumentos recorrentes aqui representados por 18 peças denominadas pela literatura arqueológica plano-convexos. Fazer uma leitura individual mais detalhada de cada objeto me permitiu identificar um padrão em sua confecção. O lascamento era direto e com retiradas invadentes; as peças foram exaustivamente retocadas, sendo que ao não haver mais ângulo de percussão outro era produzido através de retiradas rasantes e espessas que geralmente deixaram negativos de lascas reflexivas; foram realizadas retiradas contrárias ao plano de percussão, a partir do ápice da peça, que podem ter servido à uma melhor preensão do instrumento ou para algum tipo de encabamento; rebaixamentos de pequenas porções da superfície ventral dos instrumentos auxiliavam na obtenção de gumes mais agudos e conseqüentemente mais afiados.

As características acima descritas são encontradas em praticamente todos os instrumentos plano-convexos, bem como nas lascas da coleção que embora não remontem aos artefatos aludem a outros confeccionados a partir das mesmas técnicas, mas que não ganharam vida durante nossos trabalhos de campo e que provavelmente continuam a espera de alguém que os ajude a nascer. Acredito, assim, que os resultados da leitura dos instrumentos plano-convexos me permitem ligá-los a um mesmo grupo cultural local.

---

<sup>14</sup> Com exceção de um único fragmento anteriormente mencionado que justamente por estar isolado pode ser atribuído a uma série de fatores como ter sido levado de outro local para o cerrito Butuy 2.



Análises mais amplas focadas na tecnologia de confecção de artefatos líticos e comparações com outros estudos podem talvez relacioná-los a uma cultura regional, uma vez que artefatos semelhantes são recorrentes em sítios arqueológicos de regiões pampeanas.

Em relação à cerâmica, mesmo que apareça em quantidade extremamente reduzida e fora de contexto, foi possível inferir alguns dados e relacioná-la aos construtores de cerritos, uma vez que, como já discutido anteriormente, acredito que arqueólogos ao escavar eliminam o contexto arqueológico onde as coisas antes se encontravam, mas criam novos contextos para elas quando escrevem. Dessa forma, me utilizando de dados gerados por outros pesquisadores crio aqui nestas páginas um novo contexto para 'meus' cacos.

Assim, inicio pelo único fragmento escavado – e que, no entanto veio a esse mundo como um lítico! Este, embora seja um pequeno caco de pouco mais de 5 cm, deixa claro um acabamento de superfície grosseiramente alisado, nenhum tipo de decoração plástica e um antiplástico de granulação grossa e visível. Comparando-o aos cacos de maior porte doados por moradores locais é possível perceber a grande semelhança. Estes fragmentos maiores possibilitaram a reconstituição do pote e sua associação à cerâmica típica de sítios com cerritos.

Há ainda a presença de fragmentos de cerâmica missioneira de influência européia em um dos cerritos da região. É também em pequena quantidade e fragmentada, mas me apóiam ao salientar o quão férteis e propícias à habitação estas áreas alagadiças são, ao ponto de serem ocupadas e reocupadas, seja por grupos Guarani missioneiros que possivelmente abandonaram a Missão ou para servir de horta à família que atualmente reside no local.

Juntando os pedaços e construindo a estrada que me leva a conclusão deste trabalho, faço agora um exercício de reflexão a respeito do lugar Banhado do M'Bororé enquanto um contexto onde relações e experiências humanas ocorreram, levantando uma hipótese de ocupação da região.

Como mencionei anteriormente, os grupos que ocuparam estes espaços em tempos remotos foram atraídos pela grande disponibilidade de uma série de recursos que tornavam estas paisagens tão convidativas ao ponto de haver a necessidade de erigir monumentos que serviram à demarcação deste território e auxiliaram no controle visual



da movimentação (tanto humana quanto animal) nestas paisagens. Os lugares dos quais estes indivíduos se apropriaram não se limitaram apenas aos espaços físicos. O domínio visual – que neste local já era bastante amplo, se estendia ainda pela construção das estruturas – era também uma forma de apropriação e controle territorial.

Aldeias se estabeleceram nestes espaços, delimitadas pelos aterros, que poderiam ter ainda fins ritualísticos durante festividades e encontros de clãs. A coleta de vegetais e de moluscos nos banhados fazia parte dos recursos de subsistência, bem como a pesca e a caça, esta última comprovada pela presença de pontas de projétil e bolas de boleadeiras. A confecção de artefatos plano-convexos se dava pela necessidade de trabalhar a madeira para os acampamentos e especialmente para limpar o couro de animais caçados que servia tanto para a construção de abrigos quanto para a confecção de roupas. As paisagens de campos abertos dos pampas exigem uma adaptação ao clima que pode ir de um extremo a outro em um mesmo dia. O estabelecimento da aldeia no centro de conjuntos de cerritos era mais um recurso contra as intempéries da região.

Com base nessas inferências considero o lugar Banhado do M'Bororé enquanto um local onde sociedades caçadoras coletoras apresentando um alto grau de complexificação se estabeleceram, iniciando provavelmente com acampamentos sazonais. A ampla gama de recursos econômicos oferecidos pelas áreas de banhados influenciou no surgimento de uma agricultura incipiente. A prática do cultivo ofereceu assim uma economia mais variada o que resultou em crescimento demográfico e na redução da mobilidade. Com assentamentos mais fixos e grande diversidade de recursos era possível empregar tempo e mão-de-obra na construção de grandes monumentos. Dessa forma, a relação que estas sociedades estabeleceram com este lugar possibilitou uma organização social diferenciada que foi sendo remodelada ao longo dos tempos.

## 6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BENDER, Barbara. Place and Landscape. In: DAVID, Bruno and Thomas, Julian (Ed.). Handbook of Landscape Archaeology. Walnut Creek : Left Coast, 2008, p. 303-314.
- BUENO, Lucas. Organização Tecnológica e Teoria do Design: entre estratégias e características de performance. In: BUENO, Lucas e ISNARDIS, Andrei. Das Pedras aos Homens: tecnologia lítica na arqueologia brasileira. Belo Horizonte: Argvmentvm, 2007, p. 67-94.



CABRAL, Mariana Petri. 2005. Sobre Coisas, Lugares e Pessoas: Uma prática interpretativa na arqueologia de caçadores coletores do sul do Brasil. Dissertação de Mestrado. Porto Alegre: PUCRS/FFCH/PPGH.

CRIADO BOADO, Felipe. CAPA 6. Del Terreno al Espacio: planteamientos y perspectivas para la Arqueología del Paisaje. Grupo de Investigación en Arqueología del Paisaje. Universidade de Santiago de Compostela, abril de 1999.

DIAS, Adriana Schmidt. Sistemas de Assentamento e Estilo Tecnológico: uma proposta interpretativa para a ocupação pré-colonial do Alto Vale do Rio dos Sinos, Rio Grande do Sul. Tese (Doutorado em Arqueologia) – Universidade de São Paulo. São Paulo, 2003.

FEMENÍAS, Jorge. Cerâmica de los “Cerritos” de Noreste de Uruguay y Sureste de Brasil (discussión de los modelos resultantes). In: Revista do CEPA, Santa Cruz do Sul, 1990, vol. 17, nº 20.

FOGAÇA, Emílio. Mãos para o Pensamento: a variabilidade tecnológica de indústrias líticas de caçadores-coletores holocênicos a partir de um estudo de caso: as camadas VIII e VII da Lapa do Boquete (Minas Gerais, Brasil – 12.000/10.500 BP). Tese (Doutorado Internacional em Arqueologia) – Pontífice Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2001.

GLASSIE, Henry. Material Culture. Indianápolis: Indiana University Press, 1999.

HILBERT, Klaus. Qual o compromisso social do arqueólogo brasileiro? In: Revista de Arqueologia. 19: 89-101, 2006. Disponível em <http://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/ra/article/viewFile/1670/1312> Acesso 05 de Novembro de 2009.

\_\_\_\_\_. Indústrias Líticas como Vetores de Organização Social ou: um ensaio sobre pedras e pessoas. In: BUENO, Lucas e ISNARDIS, Andrei. Das Pedras aos Homens: tecnologia lítica na arqueologia brasileira. Belo Horizonte: Argumentvm, 2007, p. 95-116.

HOELTZ, Sirlei E. Tecnologia Lítica: uma proposta de leitura para a compreensão das indústrias do Rio Grande do Sul, Brasil, em tempos remotos. Tese (Doutorado Internacional em Arqueologia) – Pontífice Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2005.



HOLTORF, Cornelius. From Stonehenge to Las Vegas: archaeology as popular culture. Lanham: Altamira Press, 2005.

HURCOMBE, Linda M. Archaeological Artefacts as Material Culture. London: Routledge, 2007.

IBGE. Levantamento de Recursos Naturais. Folhas SH.22 Porto Alegre e parte das folhas SH.21 Uruguaiana e SI.22 Lagoa Mirim. Vol. 33. Rio de Janeiro: Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 1986.

IRIARTE, José. Mid-Holocene Emergent Complexity and Landscape Transformation: the social construction of early formative communities in Uruguay, La Plata Basin. Tese (Doctored in Philosophy) – College of Arts and Science at the University of Kentucky. Lexington, 2003.

KERN, Arno. Paleopaisagens e Povoamento Pré-Histórico do Rio Grande do Sul. In: KERN, Arno (Org). Arqueologia Pré-Histórica do Rio Grande do Sul. Porto Alegre: 1997, p. 13-61.

LAVADO, Margarida Cardozo. A arqueologia da paisagem como instrumento de gestão do patrimônio arqueológico em unidades de conservação ambiental: o caso da APA Noroeste do Paraná. Tese (Doutorado em Arqueologia) – Universidade de São Paulo. São Paulo, 2005.

LEROI-GOURHAN, André. Evolução e Técnicas. 1. O Homem e a Matéria. Lisboa: Edições 70, 1984a.

LÓPEZ MAZZ, José M. Construcción del Paisaje y Cambio Cultural en las Tierras Bajas de la Laguna Merín (Uruguay). In: MAZZ, José M. López; SANS, Mónica (Org). Arqueología y Bioantropología de las Tierras Bajas. Montevideo: Departamento de Publicaciones/ Universidad de la Republica, 1999, p. 35-61.

LOUREIRO, André Garcia. Os Aterros (Cerritos) na Fronteira Brasil-Uruguai: uma abordagem histórica e teórico-conceitual. In: Techné, n. 8, Instituto Politécnico Tomar, 2003, p 105-113. Portugal. Disponível em [www.cph.iph.pt/cph/angulo/2001-2002/cerritos.doc](http://www.cph.iph.pt/cph/angulo/2001-2002/cerritos.doc). Acesso em: 21 de Agosto de 2006.

MANSUR, Maria Estela. Instrumentos Líticos: aspectos da análise funcional. Arquivo do Museu Histórico Natural. UFMG, Belo Horizonte, 1986/1990, p. 115-119, vol. 11.

MELLO, Paulo Jobim de Campos. Possibilidades de Abordagens em Indústrias Expedientes. In: BUENO, Lucas e ISNARDIS, Andrei. Das Pedras aos Homens:



tecnologia lítica na arqueologia brasileira. Belo Horizonte: Argumentvm, 2007, p. 117-140.

\_\_\_\_\_. É Possível Perceber Evolução no Material Lítico Lascado? O Exemplo das Indústrias Encontradas no Vale do Rio Manso (MT). In: Revista Habitus, vol. 4, n. 2. Goiânia: IGPA/UCG, 2006, p. 739-770.

MILDER, Saul Eduardo Seiguer; LEMES, Lucio e ZIMPEL NETO, Carlos Augusto. Hierarquia e Morte nas Terras Baixas Platinas. Revista do CEOM, Chapecó: Argos, 2003.

PIRIE, Anne. Constructing Prehistory: lithic analysis in the Levantine Epipalaeolithic. Reading: Royal Anthropologic Institute, 2004. 10: 675-703.

QUINTANA, Vanessa Barrios. Manifestações Culturais nas Terras Baixas do Rio Grande do Sul: os “Cerritos de Índios”. 2007. 51 f. Monografia (Graduação em História) – Curso de História, Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2007.

QUINTANA, Vanessa Barrios; LIMA, Libiane Cargin de; MILDER, Saul E. S. Manifestações Culturais das Terras Baixas Platinas: os cerritos de índios. In: I Congresso Internacional da SAB, 2007. Florianópolis. Anais do I Congresso Internacional da SAB. Florianópolis: Sociedade de Arqueologia Brasileira, 2007. I CD-ROM.

RODET, Maria Jacqueline e ALONSO, Marcio. Uma Terminologia para Indústria Lítica Brasileira. In: BUENO, Lucas e ISNARDIS, Andrei. Das Pedras aos Homens: tecnologia lítica na arqueologia brasileira. Belo Horizonte: Argumentvm, 2007, p. 141-154.

ROSA, Carolina Aveline Deitos. Pessoas, Coisas e um Lugar: Uma interpretação para a ocupação pré-colonial no sítio arqueológico Morro da Formiga, Taquara, RS. Dissertação de Mestrado. Porto Alegre: PUCRS/FFCH/PPGH, 2007.

SCHMITZ, Pedro Inácio; NAUE, Guilherme; BECKER, Ítala Basile. Os Aterros dos Campos do Sul: a Tradição Vieira. In: KERN, Arno (Org). Arqueologia Pré-Histórica do Rio Grande do Sul. Porto Alegre: 1997, p. 221-250.

SHANKS, Michael e TILLEY, Christopher. Re-Constructing Archaeology. 2ed. London: Routledge, 1992.

SILVA, Fábíola Andréa. As Tecnologias e Seus Significados. In: Canindé, Xingo, n. 2, dez de 2002, p. 119-138.



STRECK, Edemar Valdir et al. Solos do Rio Grande do Sul. 2ed. Porto Alegre: UFRGS, 2008.

TILLEY, Christopher. Part I : Theoretical Perspectives. In : DAVID, Bruno and Thomas, Julian (Ed.). Handbook of Landscape Archaeology. Walnut Creek : Left Coast, 2008, p. 7-11.

\_\_\_\_\_. Phenomenological Approaches to Landscape Archaeology. In : DAVID, Bruno and Thomas, Julian (Ed.). Handbook of Landscape Archaeology. Walnut Creek: Left Coast, 2008, p. 271-276.

\_\_\_\_\_. Phenomenology of Landscape : places, paths and monuments. Oxford : Berg Burg Pub Ltda, 1994.

TIXIER, J.; INIZAN, M. L.; ROCHE, H. Préhistoire de la Pierre Taillée: terminologie et technologie. Paris: Cercle de Recherches et d'Études Préhistoriques, 1980.

WARNIER, Jean-Pierre. Construir a Cultura Material: o homem que pensava com seus dedos. Paris, Presses Universitaires de France, 1999. Tradução: Emílio Fogaça.

*Recebido em: 29/08/2010*

*Aprovado pelo Conselho em: 06/09/2010*

*Publicado em: 31/12/2010*